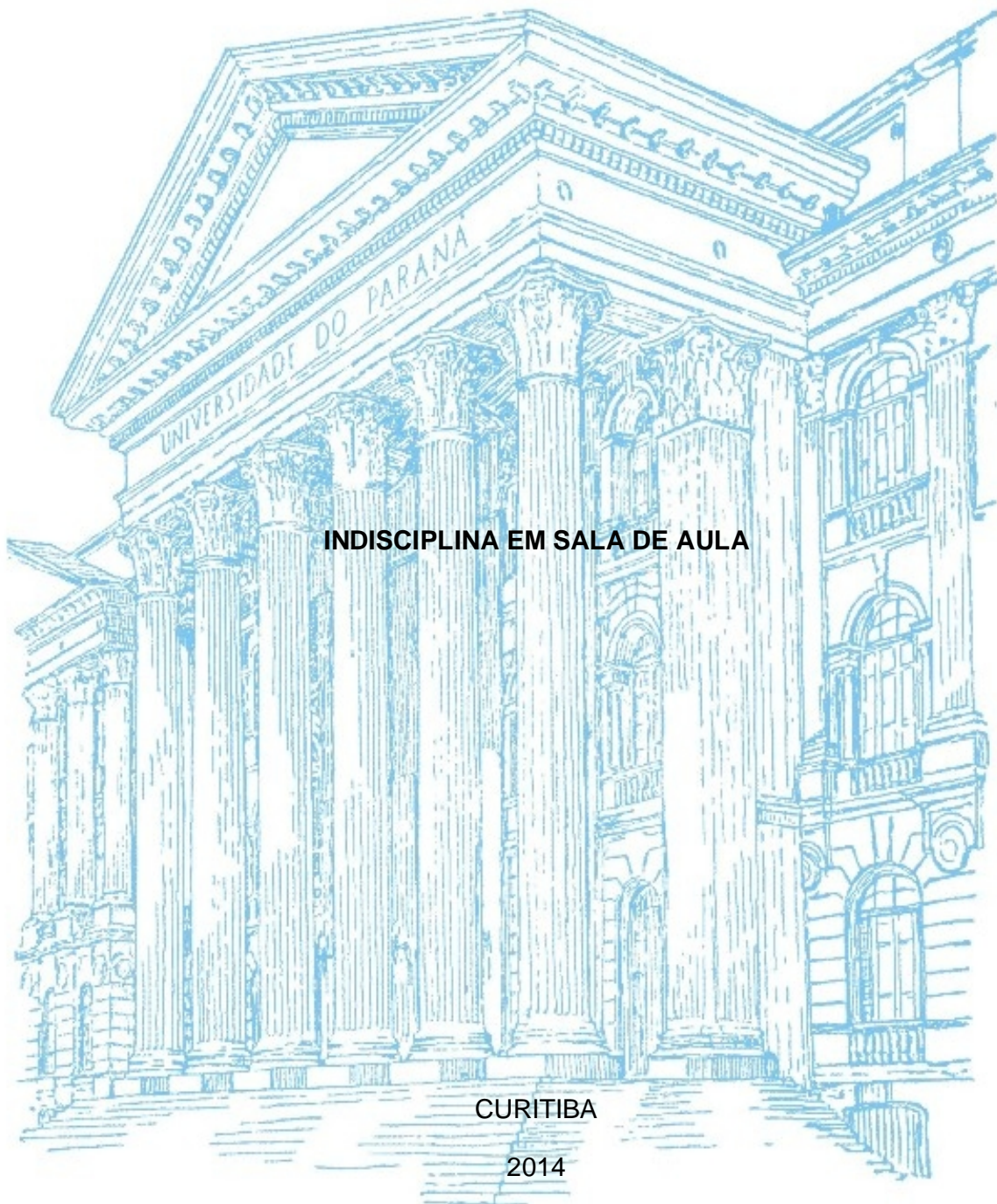


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ANDRESA BARAUCE BUDZIAK



INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ANDRESA BARAUCE BUDZIAK

INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito à obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Ms. Antônio Charles Santiago Almeida

CURITIBA

2014



INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

BUDZIAK, Andresa Barauce¹
Antonio Charles Santiago Almeida²

RESUMO

Atualmente as instituições de ensino encontram-se preocupadas com o fracasso escolar, erroneamente muitos educadores acabam atribuindo a indisciplina dos alunos em sala de aula como uma das principais causas para o baixo desempenho escolar. Assim, faz-se necessário refletir a problemática juntamente com as relações família-escola e professor-aluno; e construir reflexões por meio de apontamentos teóricos das possíveis causas de tal fenômeno. Por meio deste estudo bibliográfico, através das obras de Freire (1996), Libâneo (1994) e Cury (1998) entre outros, procura-se desmistificar os pré-conceitos existentes sobre o fenômeno, refletir sobre os problemas escolares da atualidade, verificar conceitos teóricos e propor alternativas em prol do fortalecimento das relações estabelecidas entre o sujeito e os obstáculos do processo ensino-aprendizagem. O comportamento indisciplinado não envolve somente problemas sociais e conflitos familiares, mas aspectos desenvolvidos na relação professor-aluno cotidianamente. Assim, o contexto escolar precisa possibilitar um ambiente educativo inovador que motive a construção do conhecimento por meio da valorização individual, desenvolvimento da criatividade, curiosidade e respeito mútuo.

Palavras-chave: Indisciplina, ensino, aprendizagem.

¹Graduada em Pedagogia – UEPG; Especialista em Educação Especial (ISAL), Psicopedagogia-Clínica e Institucional (UNINTER), História, Arte e Cultura (UEPG) e Educação do Campo (FSB).

² Professor da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus União da Vitória e professor orientador do trabalho de pesquisa.

Considerações Iniciais

A indisciplina escolar tem sido um grande desafio vivenciado por educadores cotidianamente. Não dá para falar de disciplina de uma forma isolada em relação à realidade em que a instituição escolar encontra-se inserida, antes de mais nada, é preciso compreender que houve mudanças na escola, na família e na sociedade.

Logo, é necessário voltar o olhar sobre esse fenômeno e suas relações, refletir essa problemática buscando desconstruir explicações de senso comum e construir reflexões por meio de apontamentos teóricos das possíveis causas da manifestação de tal fenômeno.

A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica, através da qual se buscou desmistificar os pré-conceitos existentes sobre a indisciplina escolar, refletir e propor alternativas em prol do fortalecimento das relações estabelecidas entre o sujeito e o processo ensino-aprendizagem. A partir de Arendt, Freire, Freinet, Libâneo, e Vasconcellos, faz-se uma reflexão teórica sobre as relações que permeiam o ambiente escolar e são tecidas considerações sobre a indisciplina lançando mão de questionamentos como: qual é o papel da educação nesse contexto?

O texto traz uma reflexão sobre a indisciplina no contexto educacional atual e discorre sobre a relação professor-aluno e os vínculos social-familiar na formação do sujeito.

Indisciplina Escolar: uma prática no chão da escola

A indisciplina tem sido um dos maiores impasses presentes no cotidiano escolar, trata-se de um fenômeno que além de contribuir negativamente para o desempenho escolar conseqüentemente vêm se transformando em um obstáculo diário de muita angústia para a prática docente.

Quando o assunto é indisciplina, as queixas são muitas, mas poucas são as preocupações em se investigar as verdadeiras causas da manifestação desse comportamento. Infelizmente para manter a disciplina dos alunos em sala de aula, muito ainda se têm usado de imposições, seja por meio de expressões agressivas e/ou atribuição de notas baixas aos que não correspondem ao comportamento considerado adequado pelo professor. Inúmeros são os casos em que os professores utilizam-se das avaliações para ameaçar seus alunos de reprovação; como se a conquista da autoridade viesse de imposições e humilhações aos alunos.

Freinet traz uma importante reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem nesse contexto. Segundo o autor, a educação é uma preparação para a vida social, logo o processo educativo se modifica ao longo do tempo e está determinado pelas condições sociais. Nesse sentido, é preciso adaptar a escola à vida e ao meio em que ela encontra-se inserida. A ordem, disciplina e autoridade dentro do ambiente escolar devem resultar da organização do trabalho pedagógico em que a relação professor-aluno seja capaz de construir respeito, diálogo, descobertas e conhecimentos.

Arregace as mangas para trabalhar com as crianças. Deixe de dar ordens e castigar, atire-se ao trabalho com os alunos. Não tenha medo de sujar as mãos, de se machucar com uma martelada, de hesitar nos casos em que a criança mais viva domina a situação, de tatear, de se enganar, de recomeçar. Assim é a vida, e é o esforço que fazemos lealmente, para dominar seus incidentes, que constitui o principal elemento da nossa educação. (FREINET, 1996, p. 92).

Assim, entende-se que a disciplina precisa existir desde que construída através do respeito mútuo entre professores e alunos e no uso de mecanismos que contribuam para o processo de aprendizagem fortalecendo ainda mais as relações que permeiam o espaço educativo.

As práticas autoritárias estiveram fortemente presentes nos espaços escolares. Com os princípios democráticos, a educação passou a tomar novos rumos. O arbitrarismo excessivo e a imposição de sanções foram perdendo espaço

para o diálogo com vistas à formação do sujeito com valores éticos e morais para o exercício de sua cidadania.

Nas décadas anteriores o professor era caracterizado como o único detentor do saber, autoritário e transmissor do conhecimento. Logo, ser professor nos dias atuais exige uma reflexão sobre o papel do educador e a função social da escola. O professor passou a ser o mediador do processo ensino-aprendizagem e a escola um espaço que possibilita a construção da identidade do sujeito.

Ao analisar a disciplina na sala de aula, é necessário partir do sujeito e suas relações pedagógicas, sociais, afetivas e familiares. Quando o assunto é indisciplina não podemos esquecer de que os interesses dos alunos mudaram e que precisamos ir ao encontro dessas necessidades.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 1996, p.46).

Para Freire, a disciplina verdadeira não é aquela em que os discentes devem ficar quietos, mas aqueles com curiosidades aguçadas em busca do conhecimento. Pois, o prazer em aprender não nasce espontaneamente no aluno, mas sim da relação professor-aluno, construída diariamente e pautada no respeito às diferenças.

Ao tratar do fenômeno indisciplina escolar é necessário refletir primeiramente sobre as relações vinculadas à família-escola e professor-aluno. Pois, tais relações dizem respeito ao núcleo central do trabalho pedagógico, além de analisar a função social da escola e sua promoção de aprendizagem é essencial que sejam levados em conta os vínculos estabelecidos pelos sujeitos envolvidos e a socialização de uns com os outros.

1.1 Indisciplina e a Relação Professor-Aluno

A partir da trajetória histórica da educação e o contexto escolar atual, observa-se que ainda são bastante evidentes práticas repressoras e desmotivadoras no trabalho docente. Diante disso, há necessidade de mudanças nas práticas escolares atuais, pois, o respeito ao professor por meio de submissão e obediência, característicos dos padrões tradicionais, não mais condizem com a realidade e

perde-se muito tempo tentando disciplinar os hábitos dos discentes.

Com base nos pressupostos teóricos da escola tradicional, o medo conduzia os alunos ao temor das punições e humilhações na sala de aula, levando a obediência e subordinação, tais práticas segregadoras há muito tempo deixaram de existir. Contraditoriamente, no contexto atual, os meios de comunicação e a facilidade de acesso aos suportes tecnológicos tem proporcionado as crianças e adolescentes abertura de espaço, diálogo e troca de informações, tornando-os sujeitos ativos e opinativos dentro dos seus grupos relacionais.

Dessa maneira, não cabe mais ao professor a utilização de gritos pelo silêncio ou aplicação de punições aos indisciplinados. Pelo contrário, a prática docente fortalece os valores de respeito, direitos e deveres e a construção de limites através do diálogo presente na relação professor-aluno.

Segundo Freire, a prática pedagógica precisa assumir um caráter formador, propiciar relações e significar a experiência do ser social. As práticas repressoras perderam o sentido, o professor não é mais o único detentor do conhecimento, considerado fonte única do saber, mas o mediador do conhecimento. Desse modo, essa postura não possui mais sentido e faz-se necessário a busca por novos caminhos. Pois, a relação entre professor e aluno não está livre de conflitos, mas a autoridade do professor não pode transformar-se em autoritarismo.

Para Arendt (2005), pode-se dizer que há uma crise no contexto da educação escolar atual. Os jovens se recusam a manter com as gerações passadas um vínculo de conservação das tradições, de maneira especial o respeito à autoridade, como referência dos valores éticos e morais.

No entanto, a educação constitui o palco no qual podemos tornar nossa ação significativa. É por meio da educação que podemos pensar a constituição de um sujeito autônomo, capaz de compreender coisas novas, na difícil tarefa de transformação do mundo.

Para Libâneo, a autoridade e autonomia são aspectos centrais do processo pedagógico que caminham lado a lado, isto por que:

A autoridade profissional se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos de ensino, no tato em lidar com a classe e com as diferenças individuais, na capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente. (LIBÂNEO, 1994, p.252).

Diante disso, torna-se interessante repensar sobre a atuação docente, uma vez que a indisciplina pode ter fortes raízes na relação professor-aluno. O fato se comprova partindo do princípio de que o relacionamento pautado no respeito mútuo e na cooperação são requisitos básicos para uma boa convivência. Assim, utilizar de autoritarismo além de ser desgastante para o professor transforma a convivência em sala de aula tediosa.

Nesse sentido, é de grande importância desenvolver uma prática de ensino voltada para a realidade do aluno, procurando estimular o caráter formador do indivíduo, propiciar relações, proporcionar o desempenho de estratégias educativas que fortaleçam as relações e a formação do sujeito.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996, p. 159-60).

Freire fala da prática educativa, do caráter, da experiência, das relações e sua importância junto ao processo ensino-aprendizagem. Cabe ao educador estabelecer relações de proximidade e respeito com os alunos de modo que sem perder de vista a sua autoridade assegure um ensino de qualidade a partir das especificidades do seu alunado dentro desse espaço de sociabilidade e conflitos.

1.2 Indisciplina e o vínculo social-familiar

Tratar de indisciplina escolar requer um olhar às especificidades de condutas, atitudes, modos de socialização e relacionamentos vinculados ao processo educativo. São inúmeros os fatores relacionados ao fenômeno, dentre eles de ordem social, familiar, pessoal e escolar.

O contexto escolar atual aponta para a necessidade de superação do conceito tradicional da indisciplina, restrito apenas à dimensão comportamental, uma vez que existem diversos aspectos que precisam ser considerados.

Vasconcelos (2001) afirma que o aluno passou a ser o centro do processo de aprendizagem, no qual seu desenvolvimento social e sua formação passaram a ser prioridades do cotidiano educacional. Com isso, houve mudanças na relação

professor-aluno e na própria função da escola.

Nota-se a presença tanto de fatores intrínsecos como extrínsecos à sala de aula, dentre os primeiros pode-se destacar os problemas familiares, dificuldade de inserção social e escolar, carências sociais, influência dos meios de comunicação e disfunções entre professores e alunos. No que diz respeito aos intrínsecos, nota-se a desmotivação pelo ensino, imaturidade, desatenção, distúrbios fisiológicos e emocionais, etc.

O sociointeracionismo destaca as contribuições da cultura, interação social e da linguagem para o processo de desenvolvimento e aprendizagem social do sujeito. Assim a aprendizagem envolve a interação do aluno com o meio e motiva o aluno a aprender. Logo, é de fundamental importância que o aluno perceba-se inserido no contexto educacional como centro do processo ensino-aprendizagem, bem como o construtor ativo do próprio conhecimento.

Embora, na maioria das situações o aluno não pertença a uma classe socialmente favorecida, tenha problema de convivência social e ainda apresente dificuldades associadas tanto nos aspectos emocionais quanto cognitivos. É a partir da vida social do aluno que a prática docente deve preocupar-se, transformando os conteúdos a partir da realidade, motivando o interesse e a curiosidade pelo ensino por meio de estratégias metodológicas diversificadas.

No que diz respeito à indisciplina manifestada por meio da conversa, a qual o aluno não corresponde depois de ter sido chamado a sua atenção, revela a necessidade da comunicação com o outro, socialização de assuntos, que na maioria das vezes são exteriores ao convívio escolar, e não compreendido pelo aluno, pois a escola além da sua função como instituição responsável pelo processo ensino-aprendizagem acaba sendo ponto de encontro entre crianças e jovens.

Diante de situações como esta, vale lembrar da importância do diálogo relatada por Cury (1998, p.65), onde “o diálogo é uma ferramenta educacional insubstituível”. Portanto, é de suma importância que o professor construa um contrato didático com o seu grupo de alunos, esclarecendo e fazendo-se entender sobre a existência de aspectos necessários para a convivência em sala de aula e a existência do respeito mútuo na relação professor/aluno.

Freire (1992, p.47) ainda descreve que o educando precisa “assumir-se como sujeito que é capaz de conhecer e quer conhecer em relação com outro sujeito

igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto do conhecimento”. Quanto a estas questões o autor sugere a equipe escolar à identificação das possíveis causas da indisciplina, desenvolvendo momentos de reflexão sobre o fenômeno e assumindo uma postura dentro do seu projeto político-pedagógico objetivando estratégias de superação para as dificuldades encontradas, mais especificamente nas relações envolvendo a família-aluno-professor.

Percebe-se que a ausência de limites e liberdade excessiva por parte da família tem refletido na relação professor/aluno como: situações de enfrentamento ao professor, desrespeito as regras de convivência, irresponsabilidade com os estudos e falta de comprometimento com as atividades escolares. Diante de situações tão conflituosas e muitas vezes sem conhecimento dos procedimentos corretos, os professores acabam sendo desafiados por alguns alunos e ficando expostos diante do grupo. Alguns educadores quando não sufocados transformam a sua autoridade em autoritarismo na sala de aula, o qual não resolve o problema mas acaba mascarando temporariamente.

A esse respeito Cury, ressalta ainda que “deve haver autoridade na relação pai-filho e professor-aluno, mas a verdadeira autoridade é conquistada com inteligência e amor”.

Nesse sentido, a afetividade faz parte integrante do processo de aprendizagem, já que ela acompanha o desenvolvimento cognitivo do sujeito. Cabe ao professor estabelecer relações afetivas com os alunos para que elas facilitem o processo ensino-aprendizagem.

Wallon (2005) defende a importância da escola no desenvolvimento afetivo e social do sujeito, afirma que a dimensão afetiva ocupa papel central no processo de aprendizagem e reforça a idéia de que a construção da inteligência está intimamente relacionada ao desenvolvimento da nossa afetividade; ambas estão a serviço da construção de um ser humano afetivo, individual, concreto e social.

Dessa forma, cabe a educação, formar indivíduos autônomos, pensantes, ativos, capazes de participar da construção de uma sociedade contextualizada. Logo os métodos pedagógicos precisam ter como enfoque o desenvolvimento do aluno em sua totalidade.

A escola deve proporcionar um ambiente que estimule o aluno a sentir

interesse, questionar, levantar hipóteses, explorar perspectivas, estimular autonomia, responsabilidade e testar suas próprias conclusões.

Percebe-se que os problemas sociais, familiares e culturais cada vez mais estão interferindo no ambiente escolar, fato este que exige dos educadores uma constante reflexão de como trabalhar com tais conflitos.

O professor não apenas transmite informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. (LIBÂNEO, 1994, p.250).

Para que a construção do conhecimento corresponda aos objetivos almejados faz-se necessário uma verificação minuciosa das dificuldades existentes no contexto escolar, e a partir desse diagnóstico definir-se uma intervenção pedagógica planejada de forma a atender as suas necessidades.

Ao refletir sobre a autoridade Adorno (1995) coloca que a educação é “ a produção de uma consciência verdadeira” através dela se constrói sujeitos emancipados. A função da escola é muito mais que dispor o aluno à resistência do que ao conformismo. A educação deve levar em conta as subjetividades, respeitar a individualidade dos sujeitos.

Considerações Finais

A indisciplina deixará de ter evidência quando a sala de aula transformar-se num espaço que possibilite a comunicação e construção do conhecimento a partir de relações saudáveis, em que o professor tenha autenticidade e dinamismo frente às tomadas de decisões, procurando manter a autoridade sem demonstrar autoritarismo e o respeito seja algo conquistado e não imposto.

Portanto, o “professor tem que estabelecer uma relação de maior proximidade, deve tentar ver o que realmente está acontecendo” (Vasconcellos, 1999). Afinal, a escola é um lugar não somente do ensino aprendizagem, mas da

construção de valores humanos que permitam conscientizar o aluno e dar-lhe noção de pertencimento.

A partir de um ambiente acolhedor o espaço educativo deve-se estimular o aluno a sentir interesse, questionar, levantar hipóteses, explorar perspectivas, encontrar soluções e testar suas próprias conclusões; criando estratégias e estímulos ao invés de lamentações pelas dificuldades.

Dessa forma, refletir sobre a prática pedagógica escolar cultivando o respeito e o diálogo torna-se indispensável na conquista do interesse e motivação do aluno para o sucesso da aprendizagem.

A indisciplina escolar possibilita a investigação da prática pedagógica e suas relações, cabendo a escola por meio da organização do trabalho pedagógico fornecer subsídios aos educadores e dispor de mecanismos estratégicos para o fortalecimento da relação professor-aluno, sendo necessário motivar uma maior participação da família junto ao processo ensino-aprendizagem.

A função da educação é integrar a formação da pessoa e a sua integração na sociedade e, assim, assegurar a sua plena realização. Portanto, é preciso respeitar as capacidades cognitivas, bem como as necessidades sócio-afetivas do indivíduo procurando compreender seus comportamentos a fim da melhor orientação ao processo educativo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. “**Notas marginais sobre teoria e práxis**”. In: **Palavras e sinais**. Modelos críticos 2. Trad. de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 1995.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. São Paulo: Editora Forense-Universitária, 10ª edição, 2007.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DUARTE, A. CÉSAR. M. R de A. **Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo**. Educ. Pesqui. vol.36 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br> >. Acesso em: junho/2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: 12ª edição, Paz e Terra, 1992.

FREINET, Celestin. **Para uma Escola do Povo**. Tradução: Eduardo Brandão.- São Paulo: Martins Fontes, 1996b, p.1 – 127.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

VASCONCELOS, M. L. M. C. (Org.). **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. Niterói: Intertexto. São Paulo: Mackenzie, 2001. p. 93-108.

VASCONSELOS, Celso dos. DISCIPLINA – Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. In: REVISTA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. vol. 20, n.66. Campinas, 1999.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZABALA, A. **A prática educativa como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Edição 70, 2005.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.